

Instituto Para o Ensino Cristão
Departamento de Educação da Associação Geral da IASD

**A INTEGRAÇÃO ENTRE OS ASPECTOS SOCIAIS
DA MORTE E A EDUCAÇÃO CRISTÃ**

Por
Renato Garibaldi Mauri
Instituto Adventista São Paulo

**495-02 Institute for Christian Teaching
12501 Old Columbia Pike
Silver Spring, MD 20904 USA**

Preparado para o
29º Seminário Internacional de Integração Fé e Ensino
Realizado no
Centro Universitário Adventista
Eng. Coelho, SP – BRAZIL
Janeiro de 2002

1 - INTRODUÇÃO

Entre as diversas circunstâncias da existência humana, com certeza, uma das mais proeminentes é a morte, caracterizada pela ausência do ente querido, pelo vazio percebido diante da perda, ou até mesmo na indagação do real sentido da vida com relação ao estado finito do ser humano.

Assim o estudo da morte se faz necessário para compreendermos não só estes anseios, mas para perceber a estrutura social que estamos inseridos, já que a sociedade atua em torno também das perspectivas de vida de determinados grupos.

Neste artigo procuramos analisar a morte tal como se expressa socialmente, a partir da concepção do corpo que torna o indivíduo um produto do meio consumidor e conseqüentemente nega o indivíduo de viver seu pranto e até mesmo de sentir sua perda.

A análise da relação dos valores de uma sociedade capitalista se torna adequado, pois banaliza a prioridade do consumo exagerado, tomando prioritário os valores humanos, contribuindo para uma análise dos falsos objetivos do materialismo que nos distancia da identidade humana.

Portanto, analisar a influência da sociedade dominante, inclusive sobre o aspecto da morte, é buscar os reflexos transmitidos dos tempos e das mudanças nos comportamentos que esta mesma sociedade impôs. Nesse contexto percebemos a reivindicação do homem quanto ao processo normatizador de uma sociedade hierarquizante que se faz presente nas diversas camadas sociais existentes, na forma de um vazio da improdutividade humana. Para Balandier¹: “O problema decisivo é o da participação do maior número de atores sociais nas definições, sempre a recomençar da sociedade; reconhecê-lo é marcar a necessidade de sua presença nos pontos da sociedade onde se fazem as escolhas que a determinam e onde são gerados os elementos de sua significação”. O objetivo é “instaurar o controle mútuo do poder e da criação dos sentidos”.

Uma conscientização existente pode criar novos sentidos antes de todos os sistemas imperantes e uma linguagem alternativa podem ser formulados. Não é preciso uma contestação social, ou aumentar o quadro das dores dilacerantes, é necessário, sim, um conjunto de conceitos para se perceber a realidade do objeto - a morte - especialmente em sua função existencial e

¹ BALANDIER, Georges. *O Contorno: O Poder e a Modernidade*, São Paulo, Bertrand Brasil, 1997.

permitir que as pessoas vivam suas dores, sem constrangimento e sem criar traumas ou distúrbios psicológicos, gerados pelo ato de sufocar o sofrimento.

2 – ASPECTOS DA MORTE NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

O panorama do quadro da morte, na sociedade contemporânea, começou a se alterar durante o processo de urbano-industrialização, que resultou em seu banimento. Hoje já existem tentativas de se retomar as reflexões sobre ela. Para tal rompimento de tabus, é importante que se reconheça às obras de Elisabeth Kubler-Ross², que em muito ajudaram a colocar esse tema fora dos limites criados pela sociedade da *morte invertida*, na qual a morte tomou-se algo a ser escondido, tal como fora o sexo no período puritano do reinado da rainha Vitória, no século XIX, na Inglaterra. Nesse novo contexto cabem bem as palavras de Jean Ziegler.³

“Privado de individualidade, de destino, o homem toma-se ao mesmo tempo, privado da nítida consciência de sua finitude. Ou pelo contrário: a destruição da sociedade mercantil pela conquista da morte. O homem só se constitui com a ajuda dos outros homens. O reconhecimento da igualdade pré-social de todos os seres humanos é indispensável para que nasçam novas relações de reciprocidade e de complementaridade, construtivas da sociedade igualitária do futuro”.

Diante de um mundo globalizado, onde assistimos ao aparecimento de novos paradigmas, existe a probabilidade notável de uma humanização da morte. Dependendo da distância da visão da morte podemos ter uma imagem real, mesmo que seja um pouco distorcida ou desfigurada.

A incapacidade do homem e da mulher de conceber a sua própria finitude e sua negação social são alguns dos problemas que estão inseridos na intenção da sociedade mercantil, que ligou a morte ao consumismo. Esta é a ideologia dominante, que monta sistemas escolares repressivos, imagens pré-estabelecidas intencionalmente, que são reproduzidas para se obter um resultado esperado e determinado. Assim a morte é negada, ou melhor, ela se torna objeto de alienação para os dominados. Dessa forma o ser humano deixa de ser o sujeito da história, para ser substituído pela coisa que foi condicionado a desejar a ser, por isso a importância de uma reflexão sobre a imagem do corpo sem vida em uma sociedade consumista. Esse estudo nos ajuda a entender os aspectos primordiais de nossa identidade, tanto para obtermos uma melhor

² ROSS, Elisabeth Kubler. *Sobre a Morte e o Morrer*, São Paulo, Edart/Usp, 1977, São Paulo, Marfins Fontes, 1981; *Perguntas e Respostas sobre a Morte e o Morrer*, São Paulo, Martins Fontes, 1979.

³ ZIEGLER, Jean. *Os vivos e a Morte*. Rio de Janeiro, Zahar, 1975, p. 169

percepção de nós mesmos e do nosso próximo como para nos depararmos com os nossos reais valores.

Norbert Elias em o controle das emoções faz uma comparação do controle da excitação com as sociedades menos desenvolvidas, pois quanto maior a condição social maior será o controle das emoções e das paixões, logo os indivíduos devem se submeter às regras da razão social, para se sentirem inseridos no contexto social e aceita-las em determinados grupos que pelo qual fazem parte.

Nas cerimônias contemporâneas, já não se percebe uma excitação pública, ou seja, a manifestação dos sentimentos é limitada por uma determinada regra social, a exteriorização das emoções é limitada, assim o choro, o medo, a paixão, a raiva, o desespero são reações camufladas, objetivando uma aparência falsa de um ser forte, inabalável, seguro de si, que não se toma vulnerável pelos reversos da vida. A demonstração dos sentimentos é considerada motiva de vergonha ou mesmo de afastamento por parte da sociedade que considera o indivíduo um ser dominado pela excitação. O controle se faz parte integrante da formação da personalidade.

“Nas sociedades avançadas do nosso tempo, muitas profissões, muitas relações privadas e atividades, só proporcionam satisfação se todas as pessoas envolvidas conseguirem manter uma razoável harmonia e um controle estável dos seus impulsos libidinais, afetivos e emocionais mais espontâneos, assim como os dos seus estados de espírito flutuantes. Nestas sociedades, a sobrevivência social e o sucesso dependem, por outras palavras, em certa medida, de uma armadura segura, nem demasiado frágil, nem demasiado forte de autocontrole individual”⁴

Elias argumenta que nessas sociedades há um campo muito limitado com relação à demonstração dos sentimentos fortes, de auto controle individual com “acentuadas antipatias” e aversões com relação ao outro. A sociedade determina inclusive que o descontrolado é considerado anormal devendo ser colocado a parte da sociedade ou do grupo social.

A contenção dos sentimentos, a fim de controlar os impulsos e sentimentos acarreta na origem de novas tensões, apesar de algumas pessoas saberem conciliar o sofrimento, outras, porém possuem maior dificuldade na relação ação-contenção e por isso permanecem constantemente em conflito, gerando ansiedades, stress e neuroses.

A aprendizagem do autodomínio é uma condição humana universal como uma condição comum da humanidade, sem este atributo os seres humanos deixariam de se tornar humanos, e a sociedade se desintegraria, o que na realidade pode mudar são os padrões sociais e a forma do sentido de ativar e modelar o potencial natural do indivíduo, no sentido de retardar, suprimir, transformar, em suma de controlar os impulsos espontâneos a tal ponto de se refrearem, neste

⁴ Norbert Elias. O controle das emoções, pág. 69

aspecto poderíamos dizer que o processo de civilização é um processo social sem início absoluto, na realidade uma seqüência de mudanças sociais, sem as modificações biológicas da espécie, em uma conseqüência social e não biológica ou evolutiva, o que podemos considerar até mesmo o processo de descivilização em torno das necessidades intrínsecas do ser humano.

De acordo com esta análise em Norbert Elias percebemos a participação da sociedade em torno do controle diante das necessidades da sociedade vigente em épocas diferenciadas para se alcançar a um objetivo específico, no caso do capitalismo, deve ser gerado o lucro, o capital e conseqüentemente ao individualismo e ao materialismo em prol do consumo.

3 – ASPECTOS PSICOLÓGICOS DA MORTE

Para contextualizarmos o assunto podemos citar as obras de C. G. Jung, pai da psicologia analítica. Na psicologia Junguiana a consciência é uma superfície sobre uma vasta área de proporções desconhecidas. A área do inconsciente é enorme e sempre contínua, enquanto a área da consciência é a visão momentânea de um campo restrito.

“Segundo Jung, Freud deriva o inconsciente da consciência, ao passo que para ele a consciência procede de urna condição inconsciente”.⁵ (Consciente é formado pelo ego e pela persona . O inconsciente é formado pelas sombras, anima – animus , self)

Nada pode tornar-se consciente sem um ego. A consciência é definida como uma relação de fatos psíquicos com o ego. E o ego, como uma instância completa constituída, a princípio, pela percepção geral do próprio corpo e da própria existência, em seguida pelos dados de memória. No ego pode ser dado o nome de um complexo de fatos psíquicos no consciente. Este complexo com poderes como os de um imã, atrai conteúdos do inconsciente. Atrai também impressões do lado externo, as quais se tomam conscientes através dos desejos, vontades. Nossas ações são o resultado de sentimentos guardados no inconsciente que passam para o nosso consciente. Surge então o pensamento que pode ou não ser realizado, dependendo do indivíduo, de suas crenças, de seus princípios. Eis aí o livre arbítrio, o poder de escolha entre o bem e o mal.

⁵ Jung, C. G. The collected works, Princeton University Press, Second Edition, 1970, vol. 10, pág. 448.

Entendemos que as vontades e os desejos não devem ser sufocados, mas bem controlados e trabalhados a fim do ser humano obter o potencial de sua liberdade e usufruí-la de forma a proporcionar o bem-estar, pois a real liberdade não está na escolha do certo ou errado, não está na opção pela sensação da liberdade, mas no controle das emoções para o ser humano viver a vida em abundância, obtendo sucesso diante de um equilíbrio emocional. Visando o bem-estar físico, mental e espiritual, em prol das necessidades dos reais valores do ser humano.

Infelizmente, tanto a sociedade contemporânea, que libera os impulsos através da mídia, quanto à forma normatizadora de algumas religiões em sufocar desejos e vontades com as imposições e restrições severas do ser humano comete seus grandes equívocos, pois tanto um quanto outra constituem imagens negativas no inconsciente, caracterizado por C.G. Jung de “sombrias”, o lado sombrio, escuro e tenebroso que se forma com o ego e a persona, representando as repressões ocorridas durante a formação da pessoa em se mostrar para a sociedade (máscara).

A própria formação da persona, na sociedade contemporânea, exige que não exteriorizemos os sentimentos em torno da função, ao cargo da posição social que ocupamos na sociedade. Exatamente como citou Norbert Elias no controle das emoções, em que o ser social deve controlar suas emoções não porque deve objetivar uma vida abundante, um equilíbrio emocional, ou para se obter a liberdade, mas para se enquadrar aos moldes exigidos por um consumismo e um capitalismo existente. Que dita normas e regras, que determina o que se pode ou não sentir e que manipula a exteriorização do sentimento.

Podemos citar Rodrigues⁶ em caracterizar o corpo da sociedade pós-industrial que deve ser algo liberado, desposado, que pode e deve ser manifestar e sentir prazer, mas também é vergonhoso não sentir, pois passa a ter uma conotação de obrigatoriedade diante das normas estabelecidas, logo sentir dor, chorar, fazer algo que não incluía no contexto da sociedade contemporânea se torna desprezível, e simplesmente é afastado do âmbito social. O homem é afastado então de suas tristezas, de sua dor, de sentir a perda por seus mortos, de derramar lágrimas pelo próximo.

⁶ Rodrigues, José. De corpo e alma. Rio de Janeiro, Espaço e Tempo, 1986.

4 - PROCESSO HISTÓRICO DA MORTE

Para constatar a informação acima mencionada é necessário reportarmos a um processo histórico. Abordagem feita por Philippe Áries⁷ que se refere à situação da morte na sociedade e que testificam a mudança do comportamento social diante das práticas funerárias em épocas específicas. Podemos analisar os aspectos do séc. XII, onde o morto era enterrado em um sarcófago de pedra com o rosto descoberto, pois era colocado em um caixão de chumbo ou de madeira onde era colocado diante do altar durante três missas objetivando a salvação da alma, no mesmo século surge à prática das máscaras mortuárias em que o rosto do morto é moldado a fim de se obter a semelhança do retrato do defunto, pois a intenção era reproduzir uma fotografia instantânea e realista do morto, não com o sentido de amedrontar, mas de admirar e de contemplar a presença do ente querido. Nos séculos XIV e XV não houve alterações com relação à prática mortuária, no século XVI a morte tornou-se um objeto de fascínio com uma boa proporção de documentos a respeito das características que determinavam a ligação do erotismo macabro e a do mórbido, consta no final do séc. XVI e início do séc. XVII a magreza na representação da morte no cavalo do cavaleiro do apocalipse Ior Durer, com os genitais intactos, ou ao retratar as danças macabras em que a morte toca o vivo de forma íntima, arrepiando o vivo com afagos provocantes. O teatro barroco também é uma das representatividades do erotismo em relação à morte, pois apresentava cenas de amor nos cemitérios e nos túmulos. Como exemplo temos a obra de Romeu e Julieta no túmulo dos Capuleto. Nos séc. XVI ao XVIII o corpo morto e nu tomou-se objeto de curiosidade científica e de deleite mórbido, personificado a imagem da beleza mórbida, os livros que continham figuras em anatomia não eram só adquiridos pela clientela médica, mas também pelos amantes dos belos livros. No séc. XVII a atração pelo corpo morto foi de forma mais discreta. No séc. XVIII os cadáveres se tornam objetos de manipulação, onde são deslocados para serem secados, mumificados e conservados, para enfim servirem de exposição em cemitérios decorados em estilo rococó, com ossos. Os lustres e pequenos enfeites eram compostos com pequenos ossos. Até o séc. XVIII persistia a crença de que o corpo deveria ser enterrado próximo ao altar na igreja, e os mais pobres eram envoltos em sacos ou panos e despejados em fossa comum, depois começaram a ser separadas pelos cemitérios e aproximados das igrejas.

⁷ ARIES, Philippe. *História da morte no ocidente*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1977.

Os enterros eram feitos com a presença de parente e familiar, geralmente na casa do moribundo, juntamente com as crianças que participavam do cortejo fúnebre e velava o morto com todas as pessoas próximas, muitas vezes faziam uma recepção específica para atender a todos os convidados.

A partir do séc. XVIII a morte assume um novo papel no imaginário social, o que ocasionou o distanciamento entre a morte e a vida cotidiana.

Nos séc. XIX em diante a morte toma outras proporções, pois as pessoas vivem no ritmo acelerado pelo sistema de produção, permitindo a falta de tempo para os velhos e doentes, o corpo “quase a morte” se encontra afastado das pessoas mais próximas, confinadas a breves visitas apenas nos momentos determinados pelos hospitais. O velório geralmente é feito no necrotério, para o qual não se costuma levar as crianças, e que muitas vezes crescem sem visualizarem um corpo sem vida. Com relação aos doentes terminais ocorre o ocultamento da morte, acabam por esconder do paciente o fim próximo.

O motivo da morte escamoteada se dá pelo sistema de produção que torna o ser humano individualista, sem ter a noção distinta e significativa de ser lazer, de seu tempo, longe de uma qualidade de vida satisfatória, isto de forma inerente ao desenvolvimento tecnológico, pois o preço que se paga é a alienação do bem estar com relação ao trabalho e a vida pessoal.

Se tomarmos como valores absolutos o acúmulo de bens, a fama e o poder, a reflexão sobre a mortalidade se torna ridículo. Esses anseios privilegiam outros valores que dão maior dignidade, essa mesma reflexão, nos ajuda a questionar os falsos objetivos a qualquer custo.

Podemos, portanto perceber que a estratégia do sistema mercantilista é transformar o homem em mercadoria, desumanizando o ser humano, transformando-o em um processo pelo qual caminha a tecnologia, a produção, em uma linguagem humanista dominante que destrói o real sentido da vida, reduzindo a morte em acontecimento pobre, privado de sentido, cercado de tabus, e principalmente servido para dissimular as desigualdades do homem diante da morte.

A classe dominante atua sobre as reais características do morto transformando-o em um modelo social. Assim todos os que morrem se tornam dedicados, honestos, mesmo que tenham sido uma lástima para a sociedade. E finalmente, priva o falecido de sua existência, que se tornou identificável, anulando a participação e a individualidade dos enlutados em torno de seus sentimentos, utilizando para tanto um trabalho específico de manipulação, inserindo no contexto

social os valores capitalizados pré-existentes na sociedade, nas estratégias de dominação, caracterizando as desigualdades sociais.

Apenas uma sociedade que reconheça o homem como o bem mais precioso poderá iniciar a busca para uma igualdade e isso só poderá ocorrer diante de uma conscientização, onde uma alternância dos conceitos ocasionará uma mudança social, no reforço do viver pleno. Na possibilidade do homem viver sua dor, suas múltiplas alegrias, suas fraquezas, seu contentamento na simplicidade do viver, suas derrotas, sua plenitude diante da velhice e sua finita vida terrestre.

5 – A RELAÇÃO ENTRE A RELIGIÃO, A SECULARIZAÇÃO E A MORTE

A religião tem um papel importante como instrumento da análise sociológica, como é demonstrado por Max Weber na análise sobre o fenômeno da secularização. Weber afirmou que a secularização levou gradativamente o ser humano ao total desencanto com o mundo, por causa da exclusão de qualquer poder superior e divino. Um fenômeno típico da cultura moderna. Fato este ocorrido pelas lutas políticas entre Estado e Igreja, papado e império, pela formação dos Estados nacionais, pelas guerras religiosas, pela redescoberta do mundo clássico e da crise religiosa, pelo desenvolvimento das ciências experimentais, culminando em uma cosmovisão integralmente secularizada, caracterizada pelo idealismo, positivismo e materialismo. Os criadores desses sistemas como Comte, Marx, Nietzsche, Freud, Sartre e outros, pregavam a total ausência do sagrado. No entanto há quase meio século a cultura moderna entrou em crise. Percebe-se que na “pós – modernidade ” não ocorreu o que foi profetizado pelo secularismo, como exemplo cita o fim da religião, algo que na realidade não ocorreu.

O homem secular pagou um preço muito alto por declarar a “ morte de Deus”, pois. Logo se deparou com as guerras mundiais e locais, a epidemia, as favelas, os prantos decorrentes da miséria, os contrastes sociais cada vez mais enfáticos, onde a secularização. Não pôde explicar a decadência do homem no processo evolutivo, pois deveria este encontrar seu apogeu e até mesmo se superar diante de suas fraquezas e derrotas com suas próprias invenções e tecnologias.

Assim o homem se deparou com suas fragilidades e suas limitações e percebeu sua infelicidade. O que antes era certeza se tornou dúvida diante inclusive de sua finitude,

Portanto a secularização não eliminou o sagrado, pois com suas trágicas conseqüências culminou por enfatizar a importância e a necessidade da crença de um porvir. Pois a secularização que era defendida, passou a ser criticada pelas diversos segmentos do conhecimento. O jovem radical denunciava-o por ser hiper-racional, os psicólogos o denunciava por ignorar o inconsciente, os estudiosos da religião comparada por desconsiderar os aspectos da mitologia, os críticos sociais argumentavam em torno da passividade do positivismo liberal e da contradição dos fatos sociais, além do número crescente de religiosos no mundo e da formação de novas denominações religiosas.

Por isso a morte pode ser usada como assunto de integração tanto dos aspectos religiosos como dos aspectos sociais, pois além de desenvolver uma esperança para a vida após a morte, constituindo uma forma de consolo, é capaz de promover uma sociedade mais igualitária, respeitando o sofrimento negado por uma sociedade que prioriza o consumo e a matéria.

6- EXEMPLOS DE CRISTO COM RELAÇÃO À MORTE

Cristo, personagem central do cristianismo, pregava essa sociedade mais justa e humana através também dos aspectos sociais da morte. Como exemplo podemos citar a Sua pregação no sermão do monte, onde realçou a importância do sofrimento. “Bem aventurados os que choram porque serão consolados” (Mt 5:4). Interessante notar que esta frase esta situada entre aspectos positivos como a mansidão, humildade, misericórdia, pureza de coração e pacificação. Podemos pressupor, de acordo com a passagem, a impossibilidade do consolo com a ausência do sofrimento. Outra passagem notória está relatada em (Jo 11: 1- 46) abordando a morte de Lázaro, pois o relato bíblico denota o sentimento de tristeza de Cristo, considerando a aparente ira de Maria (irmã de Lázaro) e se comovendo a tal ponto de também chorar, mesmo sabendo que Lázaro seria ressuscitado dentre os mortos. Ele também se afastou contrito ao saber que João Batista tinha sido executado (Mt 14:12-21). No jardim do Getsêmani, Jesus ficou tremendamente triste, enquanto orava sem cessar (Mt 26:38).

Exemplos assim mostram que o sofrimento deve ser vivido e não sufocado . Devemos entender o nosso sofrimento como também a dor do nosso próximo.

7- CONSIDERAÇÕES DA IGREJA ADVENTISTA SOBRE O SOFRIMENTO DA MORTE

A Igreja Adventista do Sétimo Dia através de Ellen G. White, também se manifesta a respeito da morte, enfatizando que as pessoas devem viver o seu luto e não negá-lo ou camuflá-lo, mas vivenciá-lo e mostra como devemos proceder com os enlutados.

a fim de que estes possam ser devidamente consolados. Estas palavras estão relatadas em uma das cartas escrita em 1898 em que se intitula - “Não há pecado em chorar” - “conforto a uma viuva”.

“Simpatizamos convosco em vosso luto e viuvez. Passei pelo caminho que vós agora palmilhais e sei o que significa. Quanta tristeza existe em nosso mundo! Quanta aflição! Quanto pranto! Não é direito dizer aos que estão de luto: não chore! Não é direito chorar. Estas palavras pouca consolação encerram. Não há pecado em chorar. Embora o falecido tenha sofrido por anos, devido à fraqueza e a dor, isso não enxuga de nossos olhos as lágrimas”.(Carta 103 – 1898)

Em outra passagem à mesma autora escreve:

“Desejaríamos poder chegar a vossó lar e chorar convosco e convosco ajoelhar-nos em oração...”
(Carta 165 – 1905).

No entanto Ellen White adverte que até para o pranto deve existir um limite e que devemos crer na companhia de Deus, pois Ele não nos prometeu que não teríamos aflição.

porém nos prometeu que estaria conosco ao passarmos pelo “vale da sombra da morte”.

(salmo 23:7). Isto realmente é algo que faz a diferença, pois esta certeza faz com que continuemos a busca pela vida apesar das perdas significantes, sem ocorrer fugas que destroem as perspectivas da dádiva da vida como o caminho destruidor dos vícios ou a procura da morte como no suicídio.

A mensagem é enriquecedora, traz esperança e alívio, principalmente aos enlutados, no entanto precisamos ter um preparo prévio para poder consolar o próximo.

É comum nos depararmos em situações de luto, seja na igreja, seja na escola, ou entre parentes e amigos cristãos ou não cristãos. Em algumas ocasiões os profissionais da educação se deparam com situações em que necessitam dar algum apoio ou explicação para os discentes, principalmente diante do falecimento do próprio pai ou mãe, ou de algum colega na classe. Os comentários descritos a seguir servem para estas situações.

8 - EXEMPLOS PRÁTICOS DE CONSOLO

A- NÃO IGNORE A MORTE

Mostre ao enlutado que você está ciente, não esconda a tristeza, não a ignore.

Explique com sinceridade para as crianças, não esconda a morte, fale de forma simples e clara.

B – AULA DE TEOLOGIA

Não devemos consolar com uma aula de teologia, com explicações teológicas.

As pessoas enlutadas querem consolo, carinho, por isso vale muito mais um abraço amigo de forma a acalantar e a transmitir reciprocidade.

C – DISPOSIÇÃO PARA OUVIR

Mostre atenção, deixe que a pessoa se lamente e desabafe, ouça com interesse e emita palavras somente quando for necessário.

D - APOIO SEM LIMITAÇÕES

Em alguns casos é necessário um acompanhamento por um tempo prolongado, principalmente em casos que o enlutado (a) permaneceu sozinho (a), e estes se depararam inevitavelmente com solidão, por isso é válida qualquer aproximação - um telefonema, uma visita, ou um convite para um lanche.

E – NÃO MUDE DE ASSUNTO

Depois de algum tempo, algumas conversas podem surgir em torno da pessoa que partiu. Não mude de assunto, pois isso revela uma necessidade de extravasar um sentimento.

F – RESPEITE OS LIMITES

Mesmo diante de um convite é necessário sensibilidade para perceber o desejo do outro, entender sem forçar, e decidir o melhor momento de insistir.

G - PACIÊNCIA

Sempre será uma boa recomendação, pois alguns possuem a tendência de abandonar tudo. É sempre bom deixar a poeira assentar para tomar as decisões.

As maiores resoluções decididas de forma impulsiva serão desastrosas.

H – PRESTATIVIDADE

Ser prestativo é uma forma carinhosa de proceder. Fazer algumas compras, lavar a louça, aparar a grama, consertar algo, lavar o carro, sempre com o cuidado de não constranger o enlutado.

I - ESPORTE

O esporte é um excelente meio de extravasar e de se sentir relaxado. Um convite sempre será benéfico. Vale a pena descobrir o esporte preferido e utilizá-lo como liberador de energia.

J – AJUDA PROFISSIONAL

Em algumas situações deve ser indicado o auxílio de um psicólogo, principalmente quando as pessoas enlutadas apresentam sintomas de depressão como: insônia, perda de apetite, comentários sobre suicídio, concentração extremamente difícil e apatia.

L – A MORTE PARA AS CRIANÇAS

Alguns pensam que a melhor maneira de ajudar uma criança a aceitar a morte é evitar falar a respeito. Sem dúvida isso é um grande equívoco, pois o luto deve ser um processo que pelo qual devemos passar. Não devemos suprimir ou negar nossas emoções, como foi explicado anteriormente. Devemos permitir e entender nossos sentimentos como o medo, a raiva e os sentimentos confusos. Geralmente achamos difícil falar sobre a morte, porém conversar é um aspecto fundamental no processo. Permita que a criança fale e deixe que ela saiba a sua disposição em ouvi-la.

Esta consciência em torno da morte é uma das propostas para o ensino, pois nos leva a uma reflexão diante de um mundo que precisa com urgência, urgentíssima de estabelecer um envolvimento maior entre os próprios personagens que o habita. Esse comprometimento através do respeito, com certeza vai transformar não só a maneira pela qual cada um pensa, mas na forma pela qual cada um age em torno de si mesmo e do próximo. Quem sabe assim nos

tornaremos agentes transformadores de uma sociedade caótica, capaz de alterar as circunstâncias que nos remete a ser insensíveis e apáticos para enfim sermos mais justos e verdadeiros cristãos.

9 - *Considerações Finais*

É estarrecedor percebermos a desestabilização decorrente do caos social que indiscutivelmente estamos interagidos. Muitas vezes em nossa limitada existência temos que nos desequilibrarmos e nos equilibrarmos para um processo contínuo de crescimento.

Podemos dizer que o específico do religioso para a educação atual é ajudar o educando a se posicionar e a se relacionar da melhor forma possível com as novas realidades que o cercam. Primeiramente com relação a seus limites e conseqüentemente com seus próprios símbolos individuais, inclusive com relação à morte.

É necessário propor uma ética da consciência e da liberdade em lugar da ética da lei e da obrigação. Na raiz da ética, como contempla o ato de educar, está a busca da transcendência que dá sentido a vida, que proporciona a plena realização do ser humano pessoal e social.

Para o homem /mulher religioso /a, a natureza nunca é exclusivamente natural. Ela está sempre carregada de valor transcendental. Ele sente necessidade de mergulhar, periodicamente, no tempo sagrado para encontrar-se com o absoluto, o que ele faz utilizando-se da ritualização muitas vezes em si mesmo.

No processo de construção da consciência e da experiência religiosa, muito importante são os ritos, que desempenham um papel considerável na vida da pessoa: nascimento, adolescência, casamento e morte.

Possibilitar a cada indivíduo a experiência da dimensão religiosa, o sentido parcial da vida humana, para uma posterior organização das próprias idéias e de compromisso com uma das múltiplas e diversificadas formas de expressão da religiosidade humana é o grande desafio da proposta educacional, engajada nas pesquisas sociais e antropológicas da experiência religiosa.

Desta forma não estaremos apenas objetivando o conhecimento para obtermos resultados satisfatórios ou exames teóricos, mas estaremos pleiteando a formação integral de um cidadão

consciente de si mesmo, do seu próximo, e da reciprocidade dos elos que une a humanidade (do homem com a humanidade, da humanidade com a divindade).

Assim quem sabe encontraremos nossos filhos tocando o âmago da divindade plena que existe em cada um de nós, O AMOR.

“A educação iniciada aqui não será completada nesta vida. Prosseguirá através da eternidade - progredindo sempre, nunca se completando. Dia a dia, as maravilhosas obras de Deus, as provas de Seu miraculoso poder ao criar e manter o universo abrir-se-ão ao espírito de nova beleza. À luz que procede do trono desaparecerão os mistérios, e alma se encherá de assombro pela simplicidade das coisas que nunca dantes compreendera”.⁸

BIBLIOGRAFIA

- ALEXANDER**, Helen. *Perdi Alguém a quem Amava*. São Paulo: Assa Press, 1995.
- ARANHA**, Maria Lúcia de Arruda. *Filosofando*. São Paulo: Moderna, 1993.
- ARIES**, Philippe. *História da Morte no Ocidente*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
- BALANDIER**, Georges. *O contorno: O poder e modernidade*, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- BAYARD**, Jean-Pierre. *Sentido Oculto dos Ritos Mortuário*. São Paulo: Paulus, 1996.
- BOURDIEU**, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- CHAUI**, Marilena. *Cultura e Democracia*. São Paulo: Cortez, 1990.
- COLINS**, Gary R.. *Aconselhamento Cristão*. São Paulo: Vida Nova, 1986.
- COLLINS**, Gary R. *Aconselhamento Cristão*. São Paulo: Vida Nova, 1992.
- DURAND**, Gilbert. *A imaginação Simbólica*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- ELIADE**, Mircea. *Tratado de história das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

⁸ WHITE, Ellen G. *Conselhos sobre Educação*. Casa Publicadora Brasileira, 1994.

- ELIAS, Norbert.** *O Processo Civilizador*, vol. 1 e 2. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1990.
- ELIAS, Norbert.** *A solidão dos moribundos*. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2000.
- FERRAROTTI, F. et all.** *Sociologia da religião*. São Paulo: Paulinas, 1990.
- FOUCAULT, M.** *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- FOUCAULT, Michel.** *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1989.
- GEERTZ, Clifford.** *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GRAZIA, Sebastian de.** *Tiempo y ocio*. Madrid: Tecnos, 1966.
- JUNG, Carl Gustav.** *O Homem e Seus Símbolo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.
- MARTELLI, Stefano.** *A religião na sociedade pós-moderna*. São Paulo: Paulinas, 1995.
- MAUSS, Marcel.** *Sociologia e Antropologia*. SP: EPU/Edusp, 1974.
- MAUSS, Marcel.** *Ensaio de Sociologia*. SP: EPU/Edusp, 1974.
- MOLE, Karen Bryant.** *Morte – O que está acontecendo?* São Paulo: Moderna, 1997.
- MONDIN, B..** *Quem é Deus*. São Paulo: Paulus, 1997.
- ROSS, Elisabeth Kubler.** *Sobre a Morte e o Morrer*. São Paulo: Edart/USP, 1977.
- ROSS, Elisabeth Kubler.** *Perguntas e Respostas sobre a Morte e o Morrer*. São Paulo: Martins Fontes, 1979.
- WACH, Joachim.** *Sociologia da Religião*. São Paulo: Paulus, 1990.
- WEBER, Max.** *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo: Presença, 1996.
- WEBER, Max.** *Economia e Sociedade*. Brasília: Editora da UNB, 1991.
- WEBER, Max.** *Ensaio de Sociologia*. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1971.
- WHITE, E. G..** *Conselhos sobre educação*. Tatuí, SP: CPB, 1994.
- WHITE, Ellen G.** *Mensagens Escolhidas I e II*. São Paulo: CPB, 1992.
- ZIEGLER, Jean.** *Os Vivos e a Morte*, Rio de Janeiro: Zahar, 1977.